

ANO I — N.º 28 — PREÇO: 1 ESC.  
LISBOA, 4 DE DEZEMBRO DE 1941

OS GRANDES VALORES NACIONAIS  
— Mestre Viana da Mota, músico de  
renome internacional, professor, com-  
positor e executante — grande em  
todos os aspectos da sua actividade.  
(Foto do professor Campos Coelho)



**VIDA**  
**MUNDIAL**  
**ILUSTRADA**  
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

# CRÍTICA do ATLÂNTICO

## Carlos Queiroz, Cabais Monteiro, Gaspar Simões e Forjaz Trigueiros perante o Brasil literário

por **Castro Soromenho**

**ENTRE** os muitos escritores que, nos últimos tempos, se têm ocupado da literatura brasileira, escolhem para responder neste pequeno inquérito, aqueles que melhor souberam estreitar as relações luso-brasileiras, dando-lhes uma feição prática e impondo-se de tal maneira que escritores brasileiros se apressaram a reconhecer que os seus melhores críticos estavam em Portugal. Os nomes de Carlos Queiroz, Cabais Monteiro, João Gaspar Simões e Luís Forjaz Trigueiros representam os vários sectores da nossa crítica literária. Seus depoimentos revelam-nos a sua posição perante o Brasil literário e o que pensam sobre as relações culturais luso-brasileiras.

**«PRECISAMOS DOS PORTUGUESES»**

Carlos Queiroz, o poeta do «Desaparecido», obra que o colocou num lugar de destaque na poesia contemporânea portuguesa, é, entre os nossos críticos, um dos que melhor souberam sentir a moderna literatura brasileira.

Dêle disse o grande romancista Erico Veríssimo, depois de ler um estudo crítico sobre o autor: «— é o homem que melhor compreendeu as minhas criações.»

— V. quer saber o que penso acerca das relações culturais luso-brasileiras... Isso é uma história longa!

— Queremos a sua opinião sobre alguns aspectos — iniciais.

E o poeta Carlos Queiroz recorda:

— Vai para três anos, encontrei, casualmente, num jornal do Porto, um artigo transcrito do «Diário de São Paulo» e assinado por José Lins do Régio, sob o banalíssimo título de «Precisamos dos portugueses». Quando cheguei ao fim, tive a ingenuidade de supor que as afirmações nele contidas iam ter alguma repercussão em toda a Imprensa, grande e pequena, do País. — Qual? Já caíram direitos naquele póço sem fundo que todos nós, amargamente, conhecemos. Aquilo tinha lá importância comparável à da Volta a Portugal em bicicleta!... Pois se havia um nome de escritor brasileiro que fosse familiar e simpático ao nosso público, sem dúvida que era o do renomeado do «Bangalú», da «Úrsula», do «Pureza» e do «Pêra Bonita».

Vale a pena, se há espaço para tanto, resumir o artigo, que tem uma actualidade de hoje mesmo. Começava Lins do Régio por confessar que a cultura do seu país não fora feita à base dos seus próprios portugueses, mas sim das obras de Eça, de Ramalho e de Queiroz. Também eram muito lidos e admirados Camilo, Antero, Nabe e Fialho; porém, os três primeiros — a frase é dêle — «abafavam tudo». Nesse tempo e quantos portugueses terão conhecido dêste espantoso grau de influência? Os jovens de Eça estigmatizavam a vida social brasileira, tanto como a nossa. — «Falava-se como os seus heróis, fazia-se o uso do seu scepticismo como de êlar milagreiros» — diz êle ainda. E mais: — «A gente não encontrava na rua um



Cabais Monteiro e Carlos Queiroz, com Castro Soromenho

herói de Machado de Assis autêntico, como encontrávamos os pobres conselheiros, os fazedores de frases do autor de «Os Malios».

Não foi muito menor a notoriedade de Queiroz, «o quem Bilac chegou a chamar Moisés, e que era o poeta mais popular do Brasil». E Lins do Régio acrescenta: — «Nesta época, ainda as edições portuguesas se vendiam por todos os lugares...» Depois, conta que em 1924 «o coisa já era outra: cada dia que se passava, mais ficava distante Portugal; nenhuma grande voz vinha de lá, com força para nos prender ou nos embolar».

Só por volta de 23 é que chegou ao outro lado um êco deformado do movimento revolucionário do «Orfeu» (ou seja), oito anos depois da publicação do seu livro, e, mesmo assim, a um número tão restrito de pessoas, que o autor do artigo desabafa: — «O Brasil ignorava, completamente, tudo isto. Não havia factorio de intercâmbio que servisse para nós identificar com os portugueses do novo geração».

O resto do artigo é a justificação do seu título. Lins do Régio diz que o Brasil está muito longe de Portugal, e que muito perde com isso: — «Há uma riqueza dos poetas e dos escritores portugueses que também é nossa, que é patrimonial comum». E, já agora, transcreve-se a conclusão: — «Não é possível que o Brasil e Portugal se vejam tão longe, indiferentes, quando tantas coisas os confundem. Precisamos de sair dos nós intercâmbios de discursos e entrar naquela cooperação de que trouxeram Gilbeto Freyre; porque os homens das gerações mais novas, de cá e de lá — como bem disse o mestre do «Casa-Grande & Senzala» — sabem que ao lado dos pátrios políticos existe esta realidade inegável: a unidade cultural luso-brasileira, ou luso-afro-indiano-brasileira».

— O que me acaba de dizer, é uma face da medalha... E a outra?

— Os nossos motivos de queixa — de queixas abstractas, mas sentido — são escritores que têm dado à fisionomia cultural do Brasil uma expressão de viril e perturbante originalidade (Gilberto Freyre, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Jorge de Lima, Ribeiro Couto, Filipe de Oliveira, Augusto Frederico Schmidt, Murilo Mendes, Jorge Amado, Raquel de Queiroz, Adalgino Nery, Erico Veríssimo, Graciliano Ramos, Artur Ramos, Álvaro Lins e muitos outros poetas, romancistas, ensaístas e críticos), só é feito, pela maioria dos confrades dêste lado, tardio e parcialmente. A mim, por exemplo, não me foi dado admirar a obra percursora de Mário de Andrade senão há cinco anos e — claro — incompleta.

Hoje, ainda só possíveis coisas como esta: Gilberto Freyre fez, há mais de um ano, uma conferência no Brasil, incluída no ciclo das comemorações centenárias, a que deu o título de «Uma cultura ameaçada: a luso-brasileira». Publicou-a, a seguir. O que, nêlo dia, de interesse para nós, tem, neste momento, uma importância capital. Pois bem: além dos exemplares que êle pôde oferecer, pessoalmente, a alguns amigos de Portugal, apenas chegaram dois, há um mês, a uma única livraria de Lisboa! Outro exemplo, ainda mais recente: — «Quem pôde folhear, entre nós, algum número dessas duas revistas de São Paulo, «Clima» e «Planalto», pode se afirmar e já despondam valores que merecem a nossa mais aberta curiosidade? — De quem é a culpa?»

— Não é fácil dizer, em tão breve converso, as causas complexas dêste divórcio: — a distância enorme, que o alto preço dos transportes agrava; a falta de interesse, ou de melhor organização — das livrarias e das agências distribuidoras,

ou, a escassez dos tiragens das edições (sobretudo dos livros de poesia, por via de regra editados pelos autores) e outros, menos concretos, mas de consequências igualmente nefastas. Simplifiquemos, ou generalizemos, dizendo que a culpa tem sido de todos e de ninguém. De todos por causa de tudo, e de tudo por causa de todos, como diria Fernando Pessoa (cuja obra, diga-se de passagem, nem do público português é êlinda conhecida, pelo simples razão de continuar inédita)... O que mais importa, por agora, é acentuar que o que tem aparência de mútua incompreensão, não é, mais, afinal, do que mútua desconhecimento. Estávamos te continuamos a estar! muito longe uns dos outros, e não sem algum prejuízo da forte simpatia, da atracção inqênita e latente que pouca, tem sóbido alimentar e raras se esfacram por desenvolver.

É verdade que os novos escritores portugueses e brasileiros se comunicam, de há tempos para cá, com certa assiduidade, permutando os seus livros, as suas idéias, e até, as suas amizades. Também é verdade que algumas publicações periódicas inserem, com frequência, colaboração literária, notas críticas e estudos consagrados às obras e personalidades dos escritores de ambos os países, sendo, neste capítulo, notável a acção desenvolvida pelo «Revista do Brasil», dirigida por Octávio Tarquínio de Sousa, que habitualmente publica, em lugar de artigos, a produção de ambos os países.

Mas isto, que já é algum coisa, está longe de satisfazer, ou melhor: está longe de bastar. Era necessário, era já inadiável que os organismos competentes de ambos os Estados facultassem os meios para uma aproximação mais efectiva, mais prática do que platónica. O Acórdão Cultural, firmado há pouco no Rio Anterior, Fernando e Lourival Fontes, foi, como se sabe, redigido com essa finalidade. Se é prematuro calcular a extensão e a profundidade dos efeitos dêste acórdão, será pessimismo descreer da sua eficiência.

Carlos Queiroz, que, embora poeta é homem prático, elucidou-nos acerca do que devemos fazer.

— No campo das realizações práticas, comecemos por aguardar, serenamente, os resultados dêste acórdão, e de outros, oficiais ou não, que venham a fazer-se. Quanto à nossa posição, ou antes: quanto ao contributo da nossa acção individual (em artigos, conferências, exposições, palestras para o rádio, etc.), julgo que deverá caracterizá-la um misto de entusiasmo, lealdade, bom senso e modestia, donde possa nascer e prolongar-se uma compreensão mais ampla e mais pronuncia. Impõe-se, por um lado, que purifiquemos a nossa faculdade de admirar, para que não se tornem inúteis, contra os nossos praticantes, as nossas capacidades críticas. Por outro lado (e isto sem pretensão conselheiral), parece-me de todo a conveniência lembrar os mais novos que um estreitamento de relações culturais com os nossos amigos brasileiros não melhora, de nenhum uma subalteridade ao êstilo ou às características essenciais de ambas as literaturas; ou, por outros palavras, uma abertura (demasiado aberta) osmose de influências. Também podemos dizer que «precisamos dos brasileiros», mas sem



# IMAGENS DA INDIA



COSTUMES ESTRANHOS DO POVO INDU: Uma mulher morta em Calcutá é colocada sobre a pilha de madeira ritual, pronta para a cremação que vai ser feita.



A ESQUERDA: Em cima — O Parlamento Índio de Punjab, que coopera com a Inglaterra. Em baixo: Uma casa de jantar aristocrática, com as suas mesas individuais e os seus bancos rentes ao chão. Não são precisas talheres, porque as convíves servem-se dos dedos para comer. A direita: Um velho, pai de onze rapazes (as raparigas na Índia não contam) junto dos filhos. O mais velho tem 62 anos e o mais novo tem quatro.



RAPARIGAS DO COLÉGIO DE MYSORE, descalças e vestidas de compridas túnicas fazem os estudos correspondentes aos das nossas universidades.

# VAICADA DA GLORIA

SINFONIA DE ABERTURA

A propósito da nota publicada no penúltimo número da Calçada da Glória, sob a epígrafe de Pão de ló recebemos do sr. dr. Fernando Tavares de Carvalho, illustre notário e deputado da nação, um comunicado em que se esclarecem certos aspectos suscitados naquela nota e, no fundo, não lhe dizem respeito só a ele, mas a muitos dos seus colegas.

«As verbas que figuram no «Boletim do Ministério de Justiça»—diz o sr. dr. Tavares de Carvalho—não representam as quantias em dinheiro que entram efectivamente no bolso dos notários, mas sim a lotação emolumentar dos últimos três anos, quer dizer, a média, em relação a esse tempo, de certas receitas líquidas auferidas por esses notários. Ora como destas sarem, não só os descontos reservados ao Estado, como também todas as despesas inerentes ao funcionamento do cartório, é evidente que tais verbas, sendo embora receita, não são, todavia, lucro.»

«No ano de 1940, por exemplo, a totalidade dos emolumentos recebidos no meu cartório foi de Esc. 283.243\$30; desta verba paguei para o Cofre e para a Caixa de Aposentações dos Conservadores, Notários e Funcionários de Justiça, a quantia de Esc. 76.947\$92 e paguei de contribuição industrial a quantia de Esc. 42.768\$19. Feitos estes descontos, restou-me a quantia de Esc. 163.527\$19, que junta à quantia de Esc. 48.272\$60, importância dos emolumentos cobrados por serviços de expediente, perfaz um total líquido de Esc. 211.799\$59. Desta verba sai normalmente o numerário suficiente para pagamento dos ordenados dos meus empregados, das despesas de água, luz, renda, impressos, etc. E pouco? E muito! Seja como for, a verdade é que, naquelas rubricas, tive um desembolso superior a Esc. 170.000\$00! Façam-se agora as contas e veja-se quanto me ficou para os meus gastos domésticos.»

«Dito isto, pergunto-lhe, sr. dr. Luis de Oliveira Guimarães: quer trocar? Estou às suas ordens. Não sei se lhe sorri vir a ser notário; mas eu passarei de bom grado a exercer as suas funções. Ao menos, sempre saberei com o que posso contar no fim de cada mês e ainda me sobrá o tempo para ser autor teatral e jornalista. E não se arreie de aceitar a minha proposta, porque se recorrerem a nossas actividades, não irei para os jornais diz quanto V. ganha.»

Não obstante o exposto há, de-certo, quem continue a considerar determinados lugares de notário, verdadeiros Pães de ló embora com muito menos apicão do que seria para desejar—segundo certos notários...

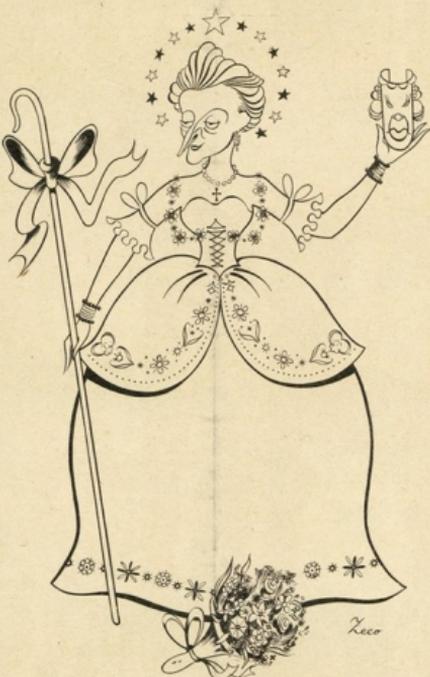
VENDAVAL

Teatro D. Maria Includo, entre as peças da sua actual temporada, uma obra de Virgínia Vitorino intitulada *VendaVal*. Certamente vai pagar-se, com o preço do bilhete, o selo do ciclone!

UMA QUADRA DE JUNQUEIRO

O Águia para sofredes  
Do Sol o rubro clarão,  
Deveis pôr lunetas verdes  
Como o meu tabellão.

QUAL É COISA QUAL É ELA?



Que idade tem a Palmira?  
Ninguém o sabe dizer.  
É u gente pensaz e deliriz  
E morre por quezer saber.

Dizem uns:—«Tem trinta e quatro!»  
E outros:—«Tem cento e tal.»  
É mais velha que o teatro  
Chamado Nacional.»

Diz um tipo, com vaidade,  
—Tipo Luiz XVI—  
«Temos u meamo idade  
Deve ter u vinte e seis!»

—«Vinte e seis? Há confusão,  
(Gritta um sujeito), old!  
No tempo do Pai Adão  
Já ella andava por cá!»

Que idade tem, no fundo,  
A Palmira? Não se sabe.  
O fundo é sempre profundo  
Quando o nariz lá não cabe.

Cá por mim, no vé-liz cirosaz,  
Tão frasca, alegre e louçaz,  
Penso que ella é uma rosa  
Que abrisse cada manhã!

XAVIER DE MALGALHES E A COZINHA

PREGUNTEI, uma tarde, a Xavier de Malgalhes qual era o seu prato favorito. Respondeu-me:—Tanto aprecio uma modesta sardinha assada com pimentos como um opulento faisão trufado. O que vem morre—pela segunda vez. A qualquer hora podem pôr a mesa. Há quem diga que comer à noite faz mal. Não acredito. O estômago não tem relógio. Além disso, a sua função é exclusivamente recreativa...

HOMENS PÚBLICOS

L ontem este conceito do Vinet que me parece definitivo:—«Em politica, tudo aconselha a que se não governe demasiadamente.»

RAMADA, HEPÁTICO

ESTEVE retido em casa com uma crise de fígado o nosso amigo Ramada Curto, espirito que sempre julgamos permanentemente jovial. Pois não o supunhamos com maus fígados, não senão!

EMPREGO DE TEMPO

o nosso colega José Ribeiro dos Santos encontrou, uma tarde destas, um seu velho companheiro de escola—que já não via há quinze anos. Estreitaram-se, claro, num abraço.

—Então que tens feito!—preguntou-lhe, numa natural e ansiosa curiosidade, José Ribeiro.

Logo o amigo, com a maior simplicidade:

—Olha: fui agora comprar um bilhete para ir logo à noite ao *Tivoli*...

E era tudo quanto tinha feito em quinze anos!

GIGA-JOGA

OS jornais noticiaram que o jornalista Mário Pires ia abandonar o jornalismo para se dedicar exclusivamente a escrever peças. Por outro lado dizem-nos que um dos nossos mais representados actores vai deixar o teatro para se entregar abertamente ao jornalismo.

Se este precedente pega, dentro em pouca, nem o jornalismo pode contar com o teatro—nem o teatro com o jornalismo.

AURA

ENCONTRAMOS ontem na Rua do Ouro a conhecida artista Aura Abrunches, Conservadora. Nião, passa António Botto que comesta.

—Hoje é que é autenticamente a Rua... Aurea...

UMA REVISTA

NO Parque Mayer, o *Variedades* dá-nos uma *Espera de toiros*; o *Maria Vitória* apresenta-nos uma «farsa *Manda Ventarolas*. Pois bem. Para o *Campe Pequeno* anuncia-se uma próxima revista-téatri: *Nos campos da luz*

UM PENSAMENTO

ESTREOU-SE, há pouco, no Avenida uma nova artista, por sinal muito interessante, chamada Eunice Colbert. Uma noite destas ela entrou no camarim de Erico Braga. Este piscou-lhe o olho e logo acrescentou:

—Eunice sóit qui má y pense!

NOTAS MUNDANAS

Comprou um chapéu de inverno a sr. D. Maria Archer.

—Cheguei de Monfortinho o nosso colega de imprensa e noticiariata teatral Jaime Graça. Bem o menos Jaime possível e tratamos Graça do que nunca.

—Esteve, há dias, na pousada Conde, em Colares, com sua esposa, o nosso amigo Leal da Câmara. Lá em tenções de almoçar mas não o pôde fazer por falta de viveres para tanta gente—segundo lhe teria sido dito, a entrada.

—Henri Bernstein, o célebre dramaturgo, vai traduzir para francês a peça *Israel* do nosso querido camarada Norberto Lopes.

—Anuncia-se para breve o casamento do moço escritor Luiz Forjaz Trigueiros. Fazemos votos para que as preocupações do seu novo estado lhe atenuem as crises melancólicas.

Luis de Oliveira Guimarães

# na Fonte Boa Um dia de festa na Estação Zootécnica Nacional



POR INICIATIVA DO S. P. N. efectuou-se há dias uma visita de jornalistas estrangeiros e portugueses à Estação Zootécnica Nacional, na Fonte Boa, onde lhes foi prestada brilhante recepção. Efectuou-se uma curiosa festa regional e foi-lhes oferecido um almoço de ementa caracteristicamente ribatejana. Damos nesta página alguns aspectos da visita. De cima para baixo, e da esquerda para a direita: Os jornalistas recebidos na Estação Zootécnica por uma guarda de honra de camponeses; moças e moços da terra cantando junto do mais novo cavaleiro da E. Z. N.; o grupo da apamha da areitosa; um baile regional; e um grupo de jornalistas estrangeiros.

# panorama internacional

## por Francisco Velloso

guerra veio polarizar-se na frente oriental diante de Moscou e nos desertos líbios ao sul de Tobruk. Como, ao invés das outras, é agora a evolução dos acontecimentos políticos que obedece à dos sucessos militares, essa polarização concreta, enquanto as batalhas não se deslaxam, a mesma incerteza, a mesma flutuação que, sobretudo desde a entrevista de *Potomac*, está a notar-se no panorama internacional.

A batalha da Rússia prende a Alemanha, a da Líbia prende agora todo o Ocidente pois que o dominará sempre quem vencer o Mediterrâneo. Os planos germânicos de dominação económica da Europa, como os ingleses de tolgem e alcançar a mal-feita e estrutura alemã, parecem ter entrado em lazareto.

HA 34 ANOS

Não há de ser anotado entre as cenas interessantes desta guerra sob o seu aspecto psicológico, e no estudo das repercussões das acções militares sobre a evolução dos sucessos políticos, a impressão causada pela revolução que se operou na arte e ciência de guerrear.

Em 1915, Afonso Sécchê, o estranho autor desse livro *As guerras infernais*, que sidou como relâmpago na crassa atmosfera dos alarmes provocados pela impreparação militar da França em 1914 — repetindo aliás uma opinião do genial Lintley — escrevia: «A guerra futura estará nos ares e sob os mares. Momento virá em que as máquinas voadoras ficarão no ar dias inteiros. Poderão sem dificuldade passar dum continente a outro, farão de engenhos de combate a meios de invasão. Os mastodontes chamados  *dreadnoughts* ou *super-dreadnoughts* desaparecerão. A sua relativa vulnerabilidade, como esses monstros a ceder lugar a engenhos mais móveis. Nenhuma batalha naval haverá sem que as froas aéreas participem. Aviões, navios e submarinos serão os instrumentos comuns dum acção».

E quando o inventor do famoso canhão 75, o general Percein, o defensor infeliz de Mauberge, submerso pela avalanche tectónica de Von Kluk, publicou sobre a guerra de combate concepções que razavam pela rotina, Sécchê insistiu com uma visão que se elevava como poderoso feixe de luz a rasgar, devastadoramente, na prolação do tempo, o espaço inconcreto de trinta e quatro anos: «Fosso asparas que os nossos fuzilares multiplicarem os seus meios mecânicos. As cargas de cavalaria, porque não hão-de suceder as cargas de máquinas-soldados? Vejo perfeitamente centenas de automóveis, de todos os tamanhos, de todos

as formas, cobertos de aço, armados de metralhadoras e de canhões de calibres diversos, descendo colinas, cortando campos de lavoura e precipitando-se, com fragor do inferno, contra um conjunto de veículos semelhantes, vindos ao seu encontro. O auto-canhão blindado, eis o cavaleiro blindado do século XXI».

Não tratava Sécchê de jogar no tabuleiro dos progressos materiais da civilização o dado das antevistas à Júlio Verne, mas de criticar, em expressões de contumélia quasi apocalíptica, essa mesma desordem dos políticos e do estado-maior francês que se repetiu como ataxia fatal, em 1939.

Quando a gente se põe a lembrar desses tempos de 1914 e de 1941 — datas com iguais algarismos — quasi descremos da luzidez do pensamento humano. Conta Poincaré em suas *Mémoires*, reportando-se a 28 de Março de 1918 (vol. X, pág. 94) que «Loucheur viu muito homem em relações, e que lhe respondeu: «*C'est de la folie, nous en avons connu d'autres...*». Era na altura da grande ofensiva de Ludendorff cujo método de ataques em massa, por matreladas ciclópicas, os generais alemães estão reproduzindo na actual campanha da Rússia. O general Wilson, chefe do estado-maior inglês, também opinava pelo veredicto do exército britânico às ilhas, mas para continuar a guerra com ingleses e americanos. A França um mês depois topava, porém, na escuridão do perigo, a mão de Foch — e a vitória.

E a diferença desses dias para os de hoje medeia-se o facto de que um secretário *commiss-voisquer* de Laval, chamado Baudouin, que sobre a cascalheira da derrota do seu país traído apenas sabia concluir que tudo fora uma «grande surpresa», era ministro dos negócios estrangeiros em Vichy, por quem se viu — enquanto debaixo da terra os ossos de Clemenceau estretimeciam de encontro às táboas do caixão, num pobre cemitério da sua Brethania invadida.

### UMA DEMONSTRAÇÃO NA LÍBIA

Veio tudo isto à colação da actual ofensiva que os ingleses desencadearam na Líbia no dia 18. No dia da ofensiva que redimimos esse apontamento, folheia-se no calendário o nono dia da batalha. No curto espaço dum quadrilátero traçado à margem da costa, trava-se e retrava-se uma demonstração daquela guerra que mantém como pesadelo as visões de Sécchê, somente aberta em campo mais resumido que o enorme da frente russa.

Há dias, um cronista In loco comparava a guerra de monstros anti-

diluvianos, e outro junto do 8.º exército britânico descrevia: «Por toda a parte há uma grande confusão de alemães, italianos e ingleses. Veículos perdidos e até comboios com veículos correm em lódas as direcções pelo deserto. Isto é que Sécchê não vislumbrou».

Wavell derrotou Graziani em *raids* coloniais. O general Cunningham diante dum técnico de carros, como Romel, faz a guerra mecanizada. E a batalha prolonga-se. Onde havia frentes contínuas que se amolgavam e quebravam nos pedaços, há agora o que se chama ofensiva em profundidade: — grupos dispersos que fixam para trás dos avanços, como fortalezas apetrechadas para cercos. Enquanto estas não são vencidas e subjugadas, a batalha continua, as formações refazem-se, os meios de sustentação reorganizam-se. Anua eis-se — são só mais três dias. F. são mais cinco, mais oito. São paralizados os *tanks* inimigos, a infantaria, a grande arma do heroísmo homem a homem, pode agir plenamente.

Por tudo isto, a batalha da Líbia é enervante, de desfazer nervos de aço.

Esta gente ainda duvida de que a resistência dos russos seja de facto real e efectiva, e mal acredita em quão ingente é o desaste do grande exército russo e do incompleto exército que o estado-maior alemão faz entrar na forja em braço dos assaltos. Por vejam esses duvidosos. Romel resiste como os russos, e Romel, e Auchinleck, atacam com Hitler. É de imaginar agora, pelo exemplo suscitado no norte de Africa, o que esteja a passar-se diante de Moscovo, o que se passa na Rússia desde 22 de Junho.

### O FEITIÇO

Quando a tempestura de derrotas de graus abaixo de zero enrijeceu os gelos, eis que, após curta neblina, que aliás os telegramas do *front* mal deixam entrever, Hitler retoma o impulso a terrores.

ROMMEL, mas carros, mais canhões, mais fúria — e lança-se sobre a capital czarista. Li, algures, de um especialista nestas coisas bélicas, transcrito em correspondência de Berlim para uma gazeta espanhola cujo nome não vem ao caso porque todos estampam quasi de chapas os mesmos artigos, que o Führer busca sobre a capital o curso superior do Don e no sul sobre Rostov ou o inferno do mesmo rio. Mas ou egos andamos, nós os leitores, ou o esforço hitleriano continua a visar preferentemente a cidade do Kremlin, que parece feitiço de seus olhos e ambições. Ou Moscovo ou nada. E bem que em lóda a frente se pejele à brava, nunca mais acaba apetele interno.

Vem pois, a perguntar-se a que visa tamanho empenho alemão, se afinal ninguém se apercebe como, vai para seis meses, se

chega à estabilização indispensável da formidável batalha, e sem ela, não se pode prever o desenvolvimento das operações políticas — dado para mais, o desastre que necessariamente ela causa, sangrando a fundo os dois continentes, e mais sendo visível que a resistência moscovita se contende tanto melhor, quanto mais perto estejam os meios de comunicação.

### PARADA GERAL



RIBBENTROP

Ora, este colossal choque de forças atrasa os planos políticos e económicos. Frequentemente se *Nova Ordem*, e no dia 24 procedeu-se em Berlim, diante de Ribbentrop apenas, a uma ratificação do Pacto *Anti-Kommintern*, que em 1936, a 25 de Novembro, foi celebrado entre Alemanha e Japão, e ao qual um ano depois aderiram a Itália, a Manchúria, a Hungria e a Espanha. Agora firmaram o Pacto mais a Finlândia, a Suécia, a Dinamarca, a Croácia, a Eslováquia, a Dinamarca e o governo chinês e pró-nipónico de Nanquim.

Este quinto aniversário do Pacto, que andou observado enquanto subsistiu a amizade russo-germânica, e resurgiu pintado de fresco quando ela acabou, serviu claramente para alinhar em paradas os países do *Bloco* de quatro, os queles que com Hitler de facto conta para a continuação da guerra. Eles formam no Mundo o núcleo teutónico. A presença do ministro de Franco e da presença da Espanha, sem a menor dúvida.

A esse núcleo não se agregaram porém, a França, a Holanda, a Bélgica, a Noruega, a Jugoslávia e a Grécia, pelo seus próprios *quintings*, ratificando o Pacto. E uma interrogação fica a pairar sobre tal exclusão. A França, por exemplo, também deo a sua legião para a frente leste, e é conhecido o afã dos chefes de Vichy por se unirem a Berlim, fechando o tratado em suspenso. Pode admitir-se — como aventado em Londres — que Hitler intente captar mais o Japão por sua banda na altura em que estão realadas as negociações de Tóquio com Washington, por iniciativa japonesa — as quais se davam há dias quasi malogradas por os Estados Unidos exigirem ao Japão o abandono da campanha na China. O problema continua, porém, em aberto, momentaneamente, com Von Papen e Seiss-Inquart acabam de anunciar o grande gesto de Hitler propondo a suspensão de armas para a que a Wilhelmsstrasse se chama a reorganização da Europa sob os signos da *Nova Ordem* — cuja dificuldade Ribbentrop, aliás, não escondou no seu discurso de 25 de Novembro de entrar os países dominados. Seiss-Inquart já disse, referindo-se especialmente à Holanda e à Bélgica, que a camaradagem

(Continua na pág. 16)

# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Terrão \*

## capítulo II \* A campanha da Polónia

2

### A GUERRA RELÂMPAGO

**A** campanha da Polónia ia fornecer aos exércitos alemães a possibilidade duma vitória rápida e esmagadora. Estranha, para isso, criadas todas as condições: condições políticas e condições militares. Os polacos não podiam esperar qualquer auxilio dos seus aliados do ocidente. A preparação politica da guerra conduziu, ao fim de quinze dias, a um resultado paradoxal: em vez de assistir ao espectáculo classico duma Alemanha obrigada a bater-se em duas frentes, o mundo viu a Polónia

atacada simultaneamente, a leste e a oeste, por dois países aliados: o Reich nacional-socialista e a Rússia comunista. Quando das partilhas do território da sua patria no século XVIII, os polacos costumavam dizer: «A França está muito longe e o céu está muito alto». Em 1939 o auxilio que tinham o direito de esperar, não lhes chegou nem da França, remetida a uma concepção de defensiva obstinada, nem do céu, onde não surgiu uma única esquadrilha franco-britânica.

O Estado-Maior alemão executou, com uma pericia notável, as suas concepções tradicionais. Impôs ao inimigo uma guerra de movimento, sem soluções de continuidade ou divêrses, e realizou-a, com uma rapidez fulminante, graças à applicação dos seus métodos recentes: emprego simultâneo e combinado da aviação de bombardeamento e dos enganches blindados e motorizados. A superioridade esmagadora que se assegurara, desde a primeira hora, em

Mapa da Polónia com as fronteiras estabelecidas pelo tratado de Versalhes



O marechal Smigly Rydz comandante dos exércitos polacos

electivos e em material completo rapidamente a tarefa que os homens de Estado alemães haviam preparado.

As condições geográficas da Polónia, sem defesas naturais e sem obras de fortificação de vulto, a mobilização lenta do exército polaco, a inferioridade do seu comando e a impreparação dos seus quadros para os característicos de luta que lhe impuseram, traduziram-se, no terreno da batalha, por uma derrota que assumiu aspectos característicos. Iniciada no primeiro dia de Setembro de 1939, a campanha da Polónia, conduzida segundo os processos annunciados da guerra relâmpago, estava terminada no último dia daquêlle mês com uma vitória espectacular dos alemães.

### O CERCO PREVO

Quando se iniciaram as hostilidades, a parte occidental do território polaco encontrava-se, praticamente, cercada.

Os alemães, abilmente instalados, ao norte na Prússia Oriental, ao sul na Eslováquia, tinham os eixos do seu dispositivo de ataque perfeitamente assegurados. A sua ofensiva podia desenvolver-se com todas as probabilidades de êxito. Os Estados neutros que guardavam uma parte importante da fronteira polaca (Hungria, Roménia, Lituânia, Letónia) não podiam nem queriam fornecer-lhe qualquer auxilio. A leste, a Rússia mantinha-se numa posição ambigua que nada de bom pressagiava. Nessas condições, o Estado-Maior polaco resolveu jogar a sorte do país concentrando contra os exércitos alemães todas as forças de que dispunham. A guarda da fronteira oriental ficou confiada a simples destacamentos que em tempos normais tinham a missão de assegurar a ordem no interior do país. As forti-



Uma carga da famosa cavalaria polaca

ficações que podiam opôr alguma resistencia ao avanço impetuoso dos atacantes ou eram muito antigas ou estavam incompletas. Além das fortes costeiras de Helix e de Westerplatte, eram as fortalezas de Mlawa, Nicolai, Grudziadz, a linha fortificada ao longo do Sieracz e a cortina de fortificações, construída no tempo da dominación czarista, que podia ficar a esquerda inimiga nos cursos do Narv, do Bug e do San.

A planície polaca é um terreno propício à invasão. As altitudes máximas (213 m. em Loda; 86 m. em Varsóvia; 608 m. em Lyta Gorn) são insignificantes sob o ponto de vista estratégico. A existencia duma rede fluvial aberta era um obstáculo que facilmente puderam remover as tropas especializadas do Reich, cujos pelotões de pontoneiros tinham sido sujeitos a um treino particularmente intenso e apropriado. A estacção do ano em que a ofensiva foi desenhada não permitia qualquer socorro da lama, que tanto prejudicou os generais de Napoleão e a que este chamava o quarto elemento.

**OS EFECTIVOS E O MATERIAL**

Ainda hoje não é possível dizer, com exactidão, qual as massas de tropas concentradas dum e doutro lado, no inicio da campanha. Enquanto o chanceler Hitler, no seu discurso de 6 de Outubro, em que resumia a marcha das operações, calculou que os polacos dispunham de 50 divisões, as autoridades de Varsóvia estimam que os seus efectivos não excediam 31 divisões de infantaria, 1 divisão de cavalaria e 12 brigadas de cavalaria autónoma. Destas, 9 divisões de infantaria constituíam as reservas gerais concentradas ao sul da posição central do exercito polaco. Os alemães dispunham de

70 divisões de infantaria, 5 divisões blindadas e 9 divisões motorizadas. As forças aéreas da Polónia não iam além de 600 aparelhos, a maior parte dos quais eram de modelos antiquizados. Os alemães puseram em acção dois exercitos aéreos com um total de 2.000 aparelhos. A desproporção de efectivos era ainda agravada pela desproporção dos meios materiais de que os adversários se serviam. Os engenheiros blindados, a artilharia do Reich, bem com a sua aviação de bombardeamento, impuseram-se desde o inicio da luta.

A invasão da Polónia foi realizada ao longo de quatro linhas principais: 1) de leste para oeste, através do Corredor polaco, com o objectivo de isolar completamente o país do mar; 2) do norte para sul, a partir da Prússia Oriental; 3) do sul para o norte a partir da Eslováquia; 4) em direcção a Loda, com o objectivo immediato de ocupar a vasta bacia mineira de Czechochova. Desde o primeiro dia este plano de batalha tomou amplitude e revelou-se nitidamente. Para se opôr à sua execução os polacos dividiram as suas forças em três grupos: a da Pomerania, com o objectivo de assegurar a defesa do Corredor; a da Posnania, concentrado no saliente de Posen; e a do Alta Silésia, que occupou o quadrilátero estratégico que penetrava em território alemão e constituia a única ameaça séria para o Reich.

A tática alemã não visava tanto a occupação do território como o aniquilamento, por cerco, das forças polacas que se opunham à invasão. Este objectivo foi, no decurso de poucas semanas, plenamente realzado.

**A SUPERIORIDADE AEREA**

A arma aérea alemã dominou os ares desde o primeiro dia das operações. A superioridade esmagadora do seu material aeronautico e a pericia do seu pessoal asseguraram para o Reich um elemento essencial para a decisão da luta. A aviação alemã, tendo variado o objectivo da sua acção, pôde, à vontade, bombardear os centros vitais de resistencia, cidades, estradas, vias férreas, comprometer a mobilização polaca e prejudicar gravemente o sistema de abastecimentos e transportes da população.

A campanha da Polónia pode, sob o ponto de vista militar, dividir-se em duas partes: na primeira a ofensiva alemã penetrou nas zonas occidentais do país, obrigou o exercito inimigo a uma deslocação e a um recuo sistemáticos e desmoralizantes, pela acção continua dos bombardeamentos aéreos, os habitantes. Quando ella terminou, as forças militares polacas organizadas que restavam tinham recuado até a linha estratégica Narv-Bug-Vistula. Dnistser e procuravam reagrupar-se. A segunda parte da campanha iniciou-se com a entrada das tropas russas em território polaco (17 de Setembro). A partir desse momento, a resistencia revelou-se inútil e as forças polacas procuraram salvar-se, refugiando-se nos países vizinhos, ou entregando-se.

Não tendo recebido qualquer auxilio dos seus aliados occidentais, a Polónia teria de succumbir, mais cedo ou mais tarde, ao peso das armas alemãs. Mas o factor russo, embora nunca chegou a ser relevante, importância secundaria sob o ponto de vista militar, contribuiu, pelas suas repercussões, de ordem politica e de ordem moral, para apressar a derrota.

A primeira parte da campanha comportou três fases distintas: a fase de fixação (1 a 3 de Setembro), a fase de penetração profunda (4 a 6 de Setembro) e a fase de perseguição (9 a 18 de Setem-

bro). Em cada uma dasas as exercitos alemães revelaram uma virtuosidade excepcional para se adaptarem às circunstâncias, não permitindo que o ritmo inicial do ataque abrandasse e proseguindo, sem interrupção, a execução do seu plano previamente estabelecido com todos os pormenores. Durante a inferioridade do comando polaco, o comando alemão revelou uma capacidade de execução digna das melhores tradições do seu Estado Maior. Os executantes puseram, vigorosamente, a prova a excellência da sua preparação técnica e a sua capacidade para se servirem, com êxito, das armas mais modernas.

**TRES FASES SUCESSIVAS**

Primeira fase. De 1 a 3 de Setembro, os alemães realizaram, ao longo do semi-circulo de envolvimento que se estendia entre a Prússia Oriental e a Eslováquia, uma série de ataques frontais coordenados. O exercito da Prússia Oriental penetrou até Mlawa; o que operava ao longo do Corredor polaco, sob o comando do general von Kluge, depois de ultrapassar a linha Berlin-Varsóvia, encaminhou-se na direcção do curso do Vistula; um terceiro exercito, comandado pelo general Blaskowitz, conquistou Czechochova, atravessou o Wartha e chegou a Radomak; o exercito do general von Reichenau deixou Plesz para trás e aproximou-se da cidade fortificada de Nicolai.

A luta tomou, desde logo, as características duma guerra de movimento, cuidadosamente preparada pelo comando alemão. Sem fortificações de valor



O general alemão Von Kluge, comandante do exercito alemão que operou ao longo do corredor polaco



O general alemão Von List, comandante do exercito que cobria a fronteira polaco-romena



Starzinski, governador de Varsóvia

apreciável, sem forças motorizadas em quantidade, sem armas anti-carros e desaparecida a sua aviação, o exército polaco teve de aceitar a vontade do inimigo. As frentes que se criaram não eram consistentes; mas em todas elas o presidente dos atacantes se estabeleceu, desde logo, de maneira impressionante.

Segunda fase. Durante os dias 5 e 6 de Setembro, os alemães penetraram, rápida e profundamente no interior do território polaco. O Corredor polaco foi totalmente ocupado e a Polónia privada de comunicações marítimas. O baixo Vístula foi atravessado. Os combates atingiam as regiões de Lodz e de Kielce. As forças polacas que se tinham concentrado na Posnania ficaram cercadas. A base hubleira da Alta Silésia caiu em poder dos atacantes que entraram em Cracóvia. Ao norte e ao sul, começou a desanhar-se a manobra de cerco que devia liquidar-se com o aniquilamento do exército polaco. As colunas motorizadas alemãs atingiam, ao norte, o curso do Narew e ao sul o Dunajec.

Tercera fase. Entre 9 e 16 de Setembro, as zonas da tenza formada pelo ataque dessas forças motorizadas começaram a iniciar um movimento convergente. A traç sul foi prolongada pelo exército do general alemão von List que cobriu a fronteira polaco-romena. A ameaça sobre Varsóvia, visando o aniquilamento do governo polaco e da sua autoridade tornou-se aguda. Um comunicado oficial, não confirmado, chegou a anunciar prematuramente a ocupação da capital da Polónia.

**UM PLANO FRUSTRADO**

Em 17 de Setembro, o plano polaco não obedecia qualquer segredo. Consistia em cobrir a capital, centro político de resistência, reagrupando as suas forças na linha Narew-Bug-Vístula-Dniester. A intervenção dos exércitos soviéticos e a sua progressão rápida frustraram esse plano. Russos e alemães deram os mãos junto à fronteira romena para evitar a fuga dos contingentes inimigos. Apertados na pinça gigantesca de dezenas de divisões germano-russas os polacos sucumbiram. Aparte as zonas isoladas de cidades cercadas, o movimento inicial de recuo degenerou em debandada.

Os exemplos heróicos dados pelos defensores de Westerplatte (1 a 8 de Setembro) e da península de Helia (1 a 21 de Setembro) não podiam ter influência na derrota final. Ainda assim, os alemães, na última quinzena de Setembro, tiveram que dominar três núcleos de resistência onde as virtudes militares do soldado polaco se afirmaram corajosamente. As divisões cercadas na região de Lodz-Kutno, só puderam ser completamente eliminadas depois duma acção destruidora da arma aérea alemã. A infantaria, que se defendeu corajosamente, sucumbiu aos ataques implacáveis dos aviões de bombardeamento germânico em vôo pânico. Este episódio, revelador da decisão e do bravura dos vencedores, ficou conhecido pela designação de batalha do Bruza. A praça forte de Modlin, cercada e condenada, adiou o momento da capitulação enquanto lhe chegaram notícias de que o governo continuava a resistir. Por último, a capital do país suportou um cerco infernal que durou mais de duas semanas.

**A DEFESA DE VARSÓVIA**

No dia 1 de Setembro, da 6 e 30 da manhã, Var-



General alemão Von Fritsch morto na campanha da Polónia



O comandante da heroica guarnição de Westerplatte



Após a rendição, a bandeira alemã é hasteada na fortaleza de Westerplatte.

sóvia abriu o primeiro e intenso bombardeamento aéreo. A partir desse momento, os bombardeamentos da aviação e da artilharia alemã sucederam-se, ininterruptamente, ao longo dos 28 dias que a cidade resistiu.

Em 8 de Setembro, o comandante militar, general Czuma, dirigiu-se aos habitantes anunciando-lhes que a capital não seria considerada cidade aberta e que a delenda iria ao extremo limite das suas forças. Ferido pouco tempo depois, o general Czuma foi substituído pelo seu camarada Rommel, que chegou à cidade comandando as tropas que tinham abandonado Lodz. O governador civil, Stefan Starzinski, pôs-se à disposição do comando militar e animou, durante todo o período da luta, com o seu próprio exemplo, a população.

Os bombardeamentos aéreos tornaram-se mais intensos à medida que os alemães se aproximavam da cidade. Desde 5 de Setembro, os habitantes de Varsóvia começaram a ouvir tratar a artilharia pesada.

Em 14, a capital estava completamente cercada enquanto, por toda a parte, os exércitos polacos batiam em retirada. A cidade, privada de qualquer auxílio ou abastecimento vindos do exterior, recusava a rendição. Nos arredores começaram a travar-se combates ferozes. A população civil recusava as autoridades militares, procurando diminuir os efeitos trágicos dos bombardeamentos que semeavam ruínas e propagavam incêndios.

Em 22, os alemães iniciaram o assalto geral. Dos arredores, os combates, duma violência crescente, transferiram-se para os bairros exóticos, que começaram a ser ocupados. Durante três dias a aviação alemã não deixou um instante de voar sobre a cidade. Em 15, a maior parte dos bairros interiores estava transformada num montão de ruínas fumegantes. Por toda a parte centenas de incêndios propalavam o pânico. Era impossível combater-las. A água faltava para as necessidades mais urgentes. As comunicações tinham sido sistematicamente destruídas. Os depósitos de víveres estavam vazios. As municipalidades tinham-se esgotado.

Uma testemunha desse episódio dramático da luta conta como se deu a rendição:

"Quando um ente querido está condenado, a família prepara-se para o pior. Mas se chega a notícia terrível, a cabeça, inerte, cai e parece que um raio fulminou o que já estavam preparados. Foi isso que aconteceu em Varsóvia. Ninguém ignorava que o momento da rendição devia haver de chegar e que a rendição, adiada por alguns dias, era inevitável.

"Ao receber a primeira notícia, dirigime-me ao local onde estava o general Rommel. Encontrei-o calmo e melancólico. Disse-me que aquela gente tinha sofrido bastante e que a decisão se impusera ao seu espírito. Nas paredes, as proclamações do general e do governador Starzinski confirmavam a notícia. Nas faces das mulheres, extenuadas pela fome e pelo terror, corria lágrimas. Mas o povo não cedeu à opinião revolucionária e, até final, deu um exemplo viril de compostura e de dignidade cívica."

Caminhos meus há muitos...  
Caminhos bons há só um:

— o caminho de ferro da

C. P.



O general Reichenau



O general Blaskowitz, comandante do 3.º exército alemão que invadiu a Polónia

# PARAPLEBIADES

## PESSOAS EXTRAORDINARIAS

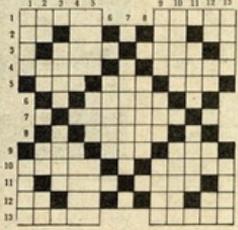


As duas fotografias que publicamos acima foram tiradas na mesma terra e pelo mesmo fotógrafo. Representam duas crianças extraordinariamente parecidas. A de cima é de Henry Leard Duncom e foi tirada em 1912 — tinha dez meses. A de baixo é de seu filho Thomas Reed Duncom. Tinha na altura também 10 meses e foi tirada em 1940. As duas fotos foram agora reproduzidas nos jornais da Califórnia. Porquê? É que estas duas pessoas são parecidas fisicamente morrem no mesmo dia: o pai com 30 meses e o filho com 2.

### Problema n.º 2

**HORIZONTAIS:** 1 — Guttorra; A vida; 2 — Inter; (de dor); Individuo que é bom tranfo; A mulher casada em juizo; Sapobras da pele; 3 — Putaca; Peça de muro alto; 5 — Empresa agrícola; Imagem; Fonia da veiga; 6 — Pia de porcos; 7 — Fôrça muscular; 8 — Investigaçao; 9 — Amanhã; Antiga moeda oriental; Porastelo; 10 — Honaria; Livianela; 11 — Ingreme; Titulo das descendentes de Mafoina; 12 — Glisa; País; Prof. da moda; 13 — Inter; (caprine repugnancia); 15 — Viver na solidão; Inquietar.

**VERTICAIS:** 1 — Escudo; Fumo; 2 — Grito de dor; A consciencia; Pápa; Deposto ditao; 3 — Escuro; Fora; 4 — Liberto; Monogram; 5 — Alca; Defeito; Cultivo; 6 — Barranco (plur); 7 — Homem deito; 8 — Prodio; 9 — Inferno; Deusa malica; Apritor; 10 — Maduro; Quarta e meia de groso; 11 — Casa desprovel entre os japoneses; Front; 12 — Inter; (designaço de espanto); Vinho francês; Onico; Nota musical; 13 — Lha fronteira a fozia, onde Xua era adorado; 15 — Pa.



### Soluçao do problema n.º 1

**HORIZONTAIS:** 2 — Frez; 4 — Arv; 5 — Iva; 6 — Saira; 8 — Siso; 11 — Rira; 15 — Rira; 16 — Galter; 17 — Como; 19 — Gaa; 20 — Soloa; 23 — Par; 24 — Ima; 25 — Sol.

**VERTICAIS:** 1 — Cerviz; 2 — Pala; 3 — Zoa; 4 — Soca; 7 — Alaco; 8 — Sic; 9 — Ira; 10 — Sim; 12 — Rio; 13 — Ita; 14 — Mar; 18 — Clamor; 21 — Opis; 22 — Aral.

## VIDA MUNDIAL ILUSTRADA VAI COMEÇAR A PUBLICAR BREVEMENTE UM GRANDE ROMANCE POLICIAL EM FOLHETINS A ESFERA MISTERIOSA

### Problemas de memória

Resolva, «de cabeça», sem auxilio de lápis e papel, os problemas que, a seguir, lhe apresentamos. Pelo tempo que levar a encontrar a soluçao e pela sua exatidão, poderá fazer uma ideia do que valem os seus conhecimentos de matematica e, sobretudo, do que vale a sua memória.

- 1 — Quis dois ou tres números cujo produto é igual à sua soma?
- 2 — Dois ciclistas vão a caminhar numa estrada recta, em sentidos opostos, e andam à razão de 24 quilómetros à hora. Quando a distancia entre os dois é de 48 quilómetros, uma mosca que vai poitada numa das bicicletas voa em direçao à outra. Ao chegar a esta, emprende um voo de regresso até à primeira. Depois, volta novamente a voar para a segunda e assim sucessivamente, voando de uma para outra, até que as duas bicicletas se

encontram. A mosca voa à razão de 32 quilómetros por hora. Qual é a distancia total que percorre?

- 3 — Um operário sai de casa para a oficina que fica ao fim da estrada que passa na sua casa e gasta para chegar lá uma hora e vinte minutos. Da oficina a casa, regressa pelo mesmo caminho, pela mesma estrada. Não anda mais depressa do que lá; no entanto, para voltar, gasta 80 minutos. Porquê?
- 4 — Até que ponto pode um cão entrar por uma porta semi-cerrada?
- 5 — Suponha que está numa sala de sua casa com cinco amigos seus e que tem cinco maçãs numa cestaz. Como pode V. repartir as maçãs pelos seus cinco amigos, de modo que a cada um caiba uma, e fique ainda uma na cestaz?

(Ver no próximo número a decifração destes problemas)

### “ELIXIR DA VIDA”

A sombra de Jean Nicot, senhor de Willeman, estará muito breve, sem dúvida, nas salas de jantar. Este applicado cortejo francês do século XVI obtivera algumas sementes de tabaco das mãos dum viajante holandês, sementes que introduziu na Europa e, com ellas, uma droga sumamente venenosa: a nicotina, nome derivado do apellido do senhor de Willeman.

Cerca de quatro séculos e meio mais tarde, um quimico alemão extrahiu daquela substancia mortal um ácido que não se subte para que podia servir, e que durante sessenta annos constituiu a ser uma simples curatidade.

Há cinco annos, esse ácido reapareceu de repente, tirado do pó do esquecimento, e converteu-se num verdadeiro «elixir da vida» para centenas de milhares de seres humanos, podendo anteciper que chegou a ser o primeiro meio de proporcionar energia a muitos milhões de individuos, coisa muito necessária na crise mundial que atravessamos.

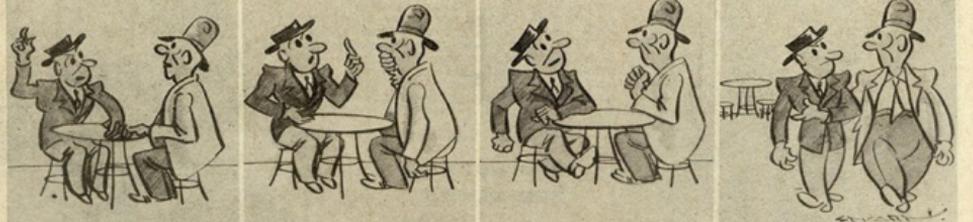
O tratamento que hoje se applica contra os doencas do aparelho digestivo, empregando o ácido nicotínico, dá resultados surpreendentes, a tal ponto que quando não se consegue curar um doente os médicos dizem que isso se deve ao facto da doença estar sem dúvida complicada com qualquer outra enfermidade. Nos casos mentais, quando os demais tratamentos falham, é já uma prática estabelecida o emprego de doses de ácido nicotínico, com o qual nunca se obtém resultados prejudiciaes, conseguindo-se, pelo contrario, muito amidade, appreciável melhoria dos enfermos.

A natureza oferece-nos este produto no figado, no estômico, no ovelho, no carne fresca, no «corned beef», carne magra de porco, no frango, no sebo da manteiga, na gema de ovo, no leite desnatado, no nababo, nas ervilhas frescas, nos nababo, no sumo de tomate, nos espinafres e na mostarda (fruto fresco). Como acontece com muitos tipos de vitaminas B, as quais pertence o ácido nicotínico, a gema de ovo constitue uma das fontes mais abundantes do mesmo.

A quantidade de ácido nicotínico que se recomenda acrescentar ao pão para o «fortificar» é tão pequena que sem dúvida não afectará o seu gosto nem a sua cor. E, comendo-o, dá-se a gente satis forte.

## UMA EXPLICAÇÃO COMPLICADA

Por Stuart Cavalheiros



— Isto da guerra na China é um bomocdo complicado. Mez se explica: As tropas do general Lim-Po receberam reforços e atacaram o exercito japonês de Arakoro que teve de fazer o «varkir».

— ... Entretanto, no sul, o general Xim-To Xim sabiu o seu Amarello, mas viu-se obrigado a reunir das tropas do seu camarada, o general Xa-Ladi-Nho. O Lim-Po continuava na ofensiva ...

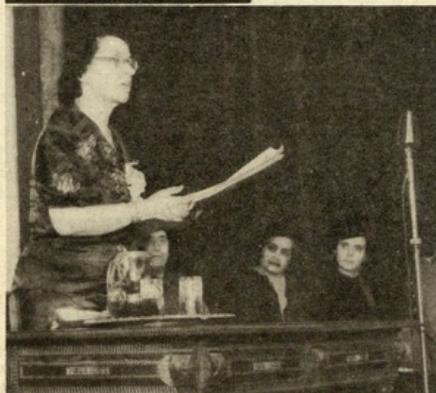
— ... Num movimento envolvente, o Xa-Ladi-Nho foi cair sobre as forças blindadas do general Ka-Va que protegia a rearguarda do Arakoro. O Ka-Va não teve remédio senão «varkir» para Xim-Pum.

— Como vêa, isto está a andar bem. O que resta saber é se o Xa-Va oferecerá resistencia na bôlas de Xim-Pum. Mas estou convencido que o Xa-Ladi-Nho e o Lim-Po-Ito lhe linpaz a bôlas.

# Vida PORTU GUESA



NA FACULDADE DE ENGENHARIA DO PÓRTO, inaugurou-se, há dias, uma exposição fotográfica da arquitectura escolar e universitária britânica. No acto inaugural, há uma conferência o sr. Hawkins, director da Escola Britânica no Pórtó. Em cima, Astror Desmond assinando o livro de honra da exposição; e um aspecto da assistência à sessão.



A DR.<sup>a</sup> D. ADELAIDE FELIX fazendo, no Clube Fenícios, a convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, a sua conferência sobre assuntos médicos.



O SR. MINISTRO DA FRANÇA na inauguração da exposição de gravura francesa moderna, que abriu há dias e está patente ao público no Museu de Arte Contemporânea.

# A NOSSA CAPA

## OS GRANDES VALORES NACIONAIS

### 1 — Mestre Viana da Mota

1. Viana da Mota nasceu em 22 de Abril de 1868.

Seu pai tinha tanta paixão pela música, que disse quando casou: «O primeiro filho que tiver há-de ser músico».

Aos 5 anos começou a notar disposições musicais no seu filho. Ensinou-lhe os primeiros elementos de leitura musical e comprou-lhe um pequeno harmonium onde o futuro artista improvisava.

Aos 7 anos foi apresentado a D. Fernando e à Sr.ª Condessa d'Edla, que se interessaram por ele, enviando-o, em 1872, com 14 anos de idade, para Berlim a fim de continuar ali os seus estudos com o professor Scharwenka, recomendado pela grande pianista Sofia Menter, que o tinha ouvido quando veio a Lisboa.

Os seus primeiros professores foram em piano, Joaquim de Azevedo M. Maestra, pedagogo muito apreciado naquele tempo, e Freitas Gazu, o primeiro compositor, em harmonia. Fêz o curso do Conservatório (que então era de 7 anos), em 6, tendo-o terminado aos 13 anos.

Em 1885 (portanto com 17 anos) passou o verão em Weimar estudando com Liszt. Deu em Outubro desse ano o seu primeiro concerto em Berlim, com orquestra. Estudou ainda dois anos com Karl Schäfer, em 1887, frequentou o curso de Hans von Bülow, e começou as suas «tournees» que o levaram à Dinamarca, Rússia, França, Inglaterra, Espanha, Itália e aos Estados Americanos. Em Buenos-Aires, deu uma série de 9 concertos históricos, dos quais executou 128 peças de compositores do

século XVI até à actualidade. Em Lisboa, no ano da primeira centenario da morte de Beethoven (1927) deu a 1.ª edição integral em Portugal das 32 Sonatas do mestre, assim como da música de ópera com piano. No último dos ditas concertos, recebeu do ministro da Instrução de Prússia um telegrama de saudação no qual se dizia: «A sua actividade artistica perdura na Alemanha com as melhores recordações».

A Emisora de Berlim pediu a nossa Emisora o envio de obras suas, nomeadamente da sua Sinfonia, para serem executadas numa sessão de homenagem.

Em 1927, foi convidado a representar Portugal no Congresso em Viena, onde fez uma comunicação sobre «Beethoven em Portugal». Quando a Associação dos Músicos alemães soube que Viana da Mota se encontrava na Alemanha convidou-o a tomar parte nos concertos com essa Associação celebrativa do centenario de Beethoven em Koblenz.

Tendo sido apresentado do seu cargo de director e professor do Conservatório Nacional em 1938, por ter atingido o limite da idade, foi nessa occasião promovido pelo Presidente da República Portuguesa ao grau de Gran-Cruz do Ordem de Santiago. É o primeiro músico português que possui esse grau daquelle ordem.

Das suas composições destacamos uma Sinfonia dedicada a Pátria, «Conceito nas montanhas» para quarteto de arco, peças para piano e para canto e piano. Publicou também edições revistas e commentadas de diferentes obras clássicas e de estudos. De obras literárias, publicou um «Estatuto critico-historico da forma do Concerto para piano com orquestra», além de artigos em revistas de vários países.

Destas artigos acabou de ser publicado pelo Instituto alemão de Coimbra uma colectânea em português, precedida de breves recordações da vida musical na Alemanha de 1882 a 1914 — período durante o qual o autor teve residência quasi permanente na Alemanha.

# PANORAMA INTERNACIONAL

## “TANKS” NO DESERTO

Por FRANCISCO VELLOSO (Continuação da pag. 8)

com a Alemanha é impossível e incompatível com a independência dos Estados. O *Svenska Dagbladet* de Estocolmo ressumiu-se deste aviso: «Queiram ou não queiram os alemães devem cuidar da impressão que podem fazer nas pequenas nações. Sabíamos há muito tempo que a nacionalidade domina a economia da liberdade individual e do governo democrático. Mas agora vêm dizer-nos abertamente que esta Ordem Económica da Europa é incompatível com a continuação da existência dos países não alemães e dos Estados independentes. Quem está, porém, dentro da lógica do imperativo raciono alemão é Seiss-Ingurt. A *Nova Ordem* ou é o que ele diz, ou não pode estabelecer-se, porque ela tem de ser unicamente uma Sociedade de Nações sob a natural condução do Estado vitorioso e economicamente mais forte numa Europa devastada — a Alemanha de Hitler, os hitleristas só complicam as coisas. E os retardamentos agravam-na. O rei Gustavo da Suécia já o compreendeu. A manobra alemã parece modificada nas suas fases e os hitleristas só complicam as coisas. E os retardamentos agravam-na. O caso actual que se debate na Líbia prova ainda que ela está em marcha.

Holandezes para defesa das minas de bauxite, já reconheciam também o governo exilado de De Gaulle para o efeito de beneficiar da lei de empréstimo e arrendamento, caminho para a occupação da Martinica, onde está parte do ouro do Banco de França.

A 19, as tropas de Cunningham passavam a ofensiva — única maneira de deter a descida alemã sobre Tunes, Rô e Bizerta.

E do resultado desta batalha — para revertermos ao ponto de partida desta crónica — talvez dependa para a Inglaterra grande parte do dominio do Mediterrâneo, a possibilidade de ataques à Itália, e para o Terceiro Reich, a própria *Nova Ordem*, — saída dumha conferencia europeia em Viena para a qual, disse já foram feitos convites — de sondagem. Assim os factos destroem como ventos enloquecidos, os melhores cálculos dos estadistas.

### PROLONGUE OS 18 ANOS ATÉ OS 50



### UMA REACÇÃO A TEMPO

No dia 16, annunciara-se a criação de um novo exercito no Cairo para combates que pressa para a primavera. Um gesto de Vichy na sua politica de aproximação com Berlim, precipitou os acontecimentos.



DARLAN

O almirante Cunningham andava escumando no Mediterrâneo os reponos que eram levados ao exercito de Rommel no norte de Africa quer da Sicilia quer por aguas francesas. A entrada em fogo da esquadra americana no Atlantico proporcionará a Inglaterra derivar para o Mediterraneo novas unidades. Assim o almirante pôs em risco os abastecimentos inimigos.

Quando depois das ultimas conferencias entre Darlan e Abetz, se reataram as negociações para dar no tratado da paz (1) com a Alemanha, Berlim evidentemente pediu as garantias do Norte de Africa, onde Noguez e Weygand se mantinham dentro da regra de conservarem livre de todos os inimigos os territórios. O general Huntziger verificou-o na sua viagem e vinha dizer que não devia contar-se com transigências em Marrocos, na Argélia e na Tunizia, quando o massacre no avião que o trazia, o matou. Mas a Alemanha sabia muito bem donde partia a resistência. Weygand foi chamado a título de substituto aquelle general no ministério da guerra — e perdeu-se. Darlan estorcego-o com brusca reforça.

Desde então, Darlan podia ofertar a Abetz o apoio da esquadra e de Bizerta, que Cunningham receava. Em Berlim, segundo telegrama do dia 18 alardeava-se «um melhoramento nas relações franco-alemãs». Londres olhou para a situação e a Alemanha tomara-lhe a dianteira. A reacção era inadiável. Os Estados Unidos cortaram as comunicações económicas com a Africa francesa do norte e, occupando a Guiana

## A VOZ DE LISBOA

fala e o mundo acredita

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Horas	Estações	Ondas curtas
12,15	Noticiário	G R Z 13.86 m. (21.64 mc/s) G S O 19.76 m. (15.18 mc/s)
12,30	Actualidades	G R V 24.92 m. (12.04 mc/s)
21,00 (*)	Noticiário	G S C 31.32 m. (9.58 mc/s) G S B 31.55 m. (9.51 mc/s)
21,15 (*)	Actualidades	G R T 41.96 m. (7.15 mc/s)

(\*) Este periodo do Noticiário e Actualidades ondes-tambem em outras medias de 261,1 metros (1,149 kc) e outras compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

### CREME D'ARGY

CREME MULTIVITA - JAPÃO INCOMUNICADO

Porque?

Não é copichio da natureza, nem fantasia dos reclamistas. É porque além de simples accção superficial de embelezar ou amaciar a pele, este creme contém vitaminas, o unico e poderoso calmante das células epidérmicas, que assim podem rejuvenescer, reavivar, voltar a ser acido e frescas graças ao processo exclusivo descoberto pelo insigne dermatologista de Paris, Dr. Charpy.

Use diariamente:  
CREME D'ARGY n.º 2 para uso nocturno.  
CREME D'ARGY n.º 1 para uso diurno.

### Vida MUNDIAL

Jose Cândido Godinho

Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS

Editor e Proprietario

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Garrett, 80. 2.º — Lisboa — Tel. 25844

COMPOSTO E IMPRESSO NA OFFICINA GRIFFITHS BERTRAND (Irmãos), L.º — Tr. da Condesa do Rio, 27 — Lisboa.

Visto pela Comissão de Censura



# Imagens da ITALIA na guerra



TROPAS ITALIANAS combatendo na planície russa coberta de neve. Damos nesta página algumas fotos obtidas recentemente nas primeiras linhas da frente de batalha, durante a preparação dum ataque contra as linhas russas.



O CHEFE DO ESTADO colocando um ramo de flores no monumento aos Restauradores no dia 1.º de Dezembro, quando das cerimónias que ali se efectuaram



O SR. PROF. MARCELO CAETANO entregando um guião à Mocidade Portuguesa, durante as festas comemorativas da Restauração de Portugal.



2

PRODUTOS  
INDISPENSÁVEIS  
À BELEZA  
DA SUA PELE

*Creme e Pasta de Amêndoas*

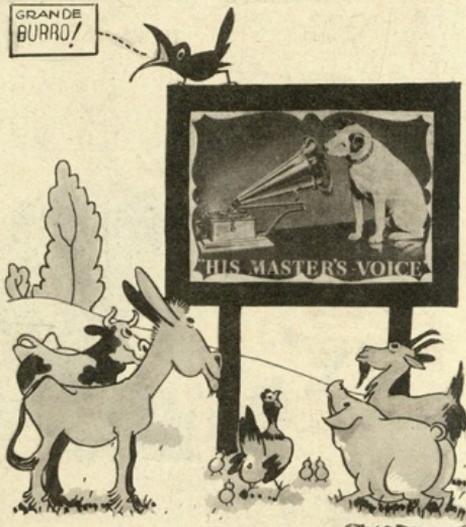
Rainha da Húlgia 

SÃO PRODUTOS M.<sup>me</sup> CAMPOS

**ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA**

Avenida da Liberdade, 35  
LISBOA

GRANDE BURRO!



HIS MASTER'S VOICE

O BURRO — Como vêem, o cão é o rei dos animais. A prova é que o seu retrato aparece em tôda a parte...

A PEGA — Grande burro! Há-de ser sempre o mesmo! O rei dos animais é o homem que inventou, entre outras maravilhas, a telefoniz. Esse cão que vocês vêem em tôda a parte do Mundo, é a marca da rainha das marcas de telefonia! Assim é que está certo.

## Casada Matos

FUNDADA EM 1887

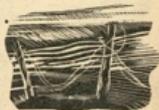
CARTEIRAS, SACOS PARA SENHORA, TODOS OS ARTIGOS DE VIAGEM E MONOGRAMAS

JOAQUIM DA SILVA & C. FILHOS

110, RUA DA PRATA 112 e 114

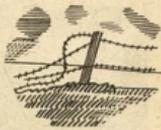
SUCURSAL-RUA DO OURO 180 e 182

TELEF. P. B. X. 2 0659 LISBOA



SABE-SE AGORA QUE UMA DIVISÃO DE TROPAS POLIÇAS assegurou, antes da ofensiva do general Cunningham na Cirenaica, e durante algum tempo a heróica defesa de Tobruk. Damos nesta página dois aspectos do embarque dessas forças dum porto do Egipto para aquela praça forte da Libia.

# Reforços para Tobruk



EM CIMA: O GENERAL AUCHINLECK inspecionando as forças do 8.º exército britânico antes da ofensiva. A seu lado, vêem-se alguns oficiais do Estado Maior inglês e o ministro do governo britânico Oliver Lyttelton (à esquerda, em traje civil).

# Embairada de Espanha



O SR. EMBAXADOR DE ESPANHIA fotografado especialmente para a «Vida Mundial Ilustrada» no seu sumptuoso gabinete de trabalho.

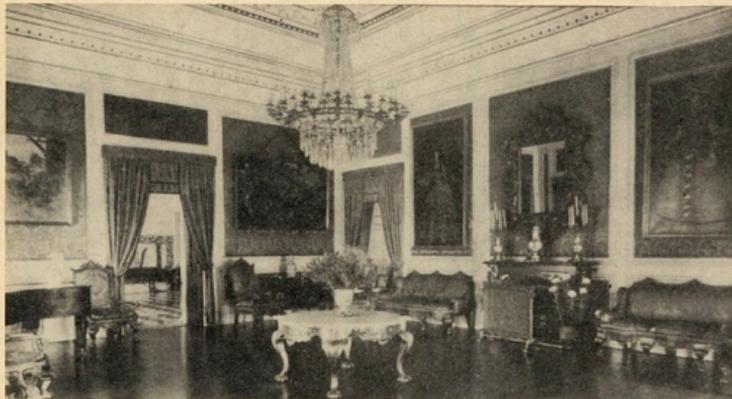
# No Palácio Marquês da Fronteira

INSTALADA NO ANTIGO PALACIO DE PALHAVA, a Embaixada da Espanha em Lisboa é um repostório de maravilhas que o espirito culto e distinto do embaixador, sr. D. Nicolau Franco, tem valorizado extraordinariamente com o seu bom gosto e o seu carinho pelas obras de arte.



DAMOS NESTA PÁGINA alguns aspectos exteriores do Palácio da Embaixada. Em cima, a fachada e o portão da entrada; à esquerda o pátio nobre que dá acesso ao Palácio e aos jardins; em baixo, dois recantos dos formosos jardins da Embaixada guarnecidos por belas fontes artísticas, entre as quais a de Bernini.

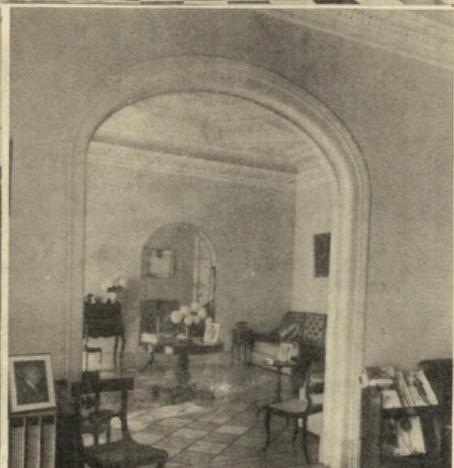




A ESQUERDA: O Salão Vermelho de Recepções da Embaixada de Espanha, guarnecido de preciosos telas espanholas, estava destinado a servir de Sala de Trono, quando da esperada visita do Rei de Espanha a Portugal. EM BAIXO: A Galeria das Princesas de Espanha, famoso salão, na entrada principal da Embaixada, guarnecido com painéis de belos azulejos.



EM BAIXO, à esquerda — O gabinete de trabalho do sr. embaixador, cujas paredes estão revestidas de preciosos tapetes da Real Fábrica de Espanha. À direita — Um aspecto dos aposentos particulares do sr. D. Nicólas Franco, decorado em estilo moderno, muito elegante e sóbrio.





FORÇAS DE INFANTARIA ALEMÃ e de «tanks» entram nas ruas de Kalinine, cobertas de neve.

# na Frente Oriental



O REI DA ROMÊNIA condecorando um regimento que se distinguiu



MATERIAL DE GUERRA RUSSO que nunca chegou a entrar em combate, inutilizado pelos bombardeamentos aéreos.



O REI MIGUEL, a rainha mãe e o Primeiro Ministro Antonesco assistem a um desfile de tropas nas ruas de Bucareste.



POR TÓDA A PARTE onde os russos foram obrigados a retirar, ficam no campo de batalha veículos de todos os tipos e aplicações.

# Um sonho desteito

Novela por Mário Barros

VINTE anos não chegaram para fazer a mulher que a filha de daquela mulher, que Júlio conheceu no desabrochar da vida. Tinha ela quinze anos! Madalena era então uma flor de beleza — segura promessa do que havia de ser depois. E de dia para dia, os encantos tornavam-se tóda para a tornarem uma das mais cortadas raparigas do seu tempo.

A sua inocência — coite fechado em doração resplandecendo condura — tinha uma graça especial e, muitas vezes, desorientada, por não se poder conhecer que aqueles quinze anos frescos e lindos como a primavera, pudessem ignorar da vida o que a vida de certas mulheres dá um apêndice picante, que as torna encantadoras!

Olhava-se para ela e fazia pena dizer-lhe mais alguma coisa do que chamar-lhe bela. Temo-se que o grão de areia dum grãoço riscasse o cristal daquela alma.

Inocência irradiante a impor respeito em tudo!

Júlio queria-lhe como às meninas dos seus olhos. Amava-a. Adorava-a. Apaixou-se por ela. Disse-lho uma vez, e outra, e mais outra, e muitas vezes. E ela escutava-se com a sua pouca idade e chegou a dizer-lhe que não compreendia e por isso não podia sentir o amor.

— E, afinal — perguntava — o que é o Amor?

Júlio deu-lhe uma definição a propósito. Vendo mais o seu caso do que o caso geral. Procurou ascender na cabeça fechada daquele bello innocente a luz volva da sua paixão.

Não conseguiu! A ver — dizia ela. Havia de falar com a avó para que lhe explicasse melhor as coisas. E, sobretudo, ver se ela a ensinava a sentir amor por alguém, a querer... Por enquanto não percebia nada. Apetecia-lhe brincar, correr, saltar, vestir as suas bonicas.

E os encantos — tão pródigo é Deus para certas mulheres — enchiam-na tóda! Não havia mais que se pusessem em tão raro belezas.

Madalena nasceu num dia que a tradição popular, no seu eterno pitoresco consagra a nobreza. E este ferrete havia de ter nela uma certa influência.

Passaram-se anos. Não atrevesou a paixão de Júlio, que não viu outra coisa na vida. E a inocência de Madalena continuava a ser cristal translúcido que nada embaciava.

Um dia disse ao Júlio que já sabia o que era o amor, mas tinha medo de aventurar o seu coração nessa encantadora viagem, donde às vezes — acrescentava ela — se volta com a alma desfeita para todo o sempre.

Era uma razão. Júlio procurou persuadi-la da inutilidade do motivo posto como tanta argúcia — não conseguiu.

E que junto daomba que aquele peito guardava, como símbolo de pureza, vivia uma vibração a babar venenosa perfídia. E o coite sagrado, que tão avaremente guardava, escamotava-se para d'elles sacar o ouro luzente da virtude e com elle fazer valer a sua fatal beleza!

Saber-se que a inocência não é bem aquilo que a convenção dita... E que a condura vive porões metos com a graça de ser pura. E que a pureza é como a água cristalina que brota de penhascos cobertos de limos, negros, polidos pelo passar constante da linha, que vai desadentando tanta gente...

E basta que se desprenda um torrãozinho de lama para a água se turvar. E esse torrãozinho de lama havia-se desprendido já, quando Madalena completou os seus dezesseis anos! Cautelosa como pérdida, não deixou transparecer a inebriidade que a torbava. E o ouro da sua virtude — de

sua incontestável virtude — era a moeda que batia para valorizar os seus encantos e a firmar a virgindade do seu corpo, onde Deus havia posto graças sem par.

Procurou uma solução para o seu caso. A situação era grave, se bem que não houvesse consequências apparentes. O mundo não podia saber nunca do drama da sua alma... O seu sorriso era puro, o seu olhar cristalino, o seu encantopio o mesmo, a sua alma... Mas ninguém lhe via a alma!

E era-lhe fácil lidar. Tão fácil! Quem poderia adivinhar? Ele? Ela nada viu. Os dois tinham entrado no parque onde estava tanta gente. Haviam-se perdido num bosque de árvores seculares. Saíram por outra porta. Separaram-se. Quem poderia saber dessa hora de amor? Ninguém.

Depois disto, era preciso condicionar a sua vida. Precizava casar-se. Mas com o Júlio nunca! Tanto havia deendido a sua virtude que não queria, por coisa alguma, ligar-se a esse homem que vertia a sua virgindade e conhecia tóda a negrura da sua alma. Com o Júlio, nunca!

Mas com quem havia de ser? Era longo realizar este acto da sua vida de mulher, pois não queria ficar eternamente péda a falsidade da sua virtude.



**CONTRA TODAS AS QUEIMADURAS**

**APYROL NÃO É UM CREME, É UM PRODUTO MEDICINAL**

**APYROL**

A venda na Farmácia Estácio — Rossio e em todas as boas farmácias e drogarias

## ESCUTAI ROMA!

(Centro Rádio Imperial da "EIAR")

NOVO HORARIO

NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA

TODOS OS DIAS

Postos	Ondas	Horas de Portugal
2 RO 4	m. 25.40 (lcs 11810)	7.50
2 RO 6	m. 19.61 (lcs 15300)	"
2 RO 17	m. 15.31 (lcs 18590)	11.00
2 RO 17	m. 15.31 (lcs 19590)	15.30
2 RO 6	m. 19.61 (lcs 15300)	20.10
2 RO 4	m. 25.40 (lcs 11810)	"
2 RO 15	m. 25.51 (lcs 11760)	"
2 RO 3	m. 31.15 (lcs 9630)	"
2 RO 11	m. 41.55 (lcs 7220)	"
Ondas médias	m. 221.1 (lcs 1357)	20.10
2 RO 4	m. 25.40 (lcs 11810)	22.10
2 RO 15	m. 25.51 (lcs 11760)	"
2 RO 3	m. 31.15 (lcs 9630)	"
2 RO 11	m. 41.55 (lcs 7220)	"
2 RO 6	m. 19.61 (lcs 15300)	"
2 RO 18	m. 30.74 (lcs 9760)	23.00
2 RO 6	m. 19.61 (lcs 15300)	"
2 RO 4	m. 25.40 (lcs 11810)	"

COMUNICADOS DO QUARTEL GENERAL ITALIANO

EM LINGUA PORTUGUESA

2 RO 17 m. 15.31 (lcs 18590) das 11.15 até 11.25

NOTA: Aos domingos, às 20.20 horas, e às quartas-feiras, às 20.10 horas, serão radiodifundidas palestras em lingua portuguesa.

Em M. 25.70 (KCS. 11895) e 30.52 (KCS 9630)

Fingiu que casou! Foi a maneira. Um dia participou a tóda a gente e tóda a gente se converteu.

A Madalena, uma virtuosa rapariga. Sempre com a avó. Educação austera. Hábitos patriarcaes. Missas todos os domingos. Condições comunitárias frequentes. La ser feliz a Madalena, que soubera defender a graça de ser pura d'esses maus homens que para a andam a capa de meninas que sejam espelho das altas e precoras virtudes.

Mesmo assim, mesmo com esta mancha, Reinado, que supunha ter inspirado uma paixão e obrigado uma mulher a dar um seu passo, mesmo assim, evitado o deslombamento diuina posse que a ela retroceda vagamente a primeira — a primeira — Reinado revoltou-se contra a maldade de Madalena e não conseguiu enquanto não apunhou um pretexto para se dessembarrar dessa virtuosa menina que uma paixão ardente lixava a esse pedaço de amor.

Júlio seguiu de longe a tragédia destas vidas. Sabia tudo. Quería confundir-lha um dia. Não tinha pena. A paixão dominava-o ainda. Enra-lhe tormento e dor. Se bem que não valia a pena. Mas era assim. Que fazer?

Madalena viu-se só e embarçada para explicar o incidente que se deu. O primeiro — o que havia quebrado o cristal daquele condura feita bocequel — esse condurador na multidão dos muitos sedutores que por a andam. Aquella hora de amor custara-lhe tudo e deturba-lhe o amorop das coisas que se não devem fazer.

Era-lhe estigma!

Porquê? Porque ela procurava-o por tóda a parte, como se a estigilhe a reparação duma falta de que não era culpado.

Muitas vezes chegaram a trocar explicações violentas, mas Madalena nunca logrou o seu propósito. Era uma derrota.

A derrota — essa — não a suportava. Havia de vencer! Mas como?  
Quão difícil iria ser esta vitória para uma mulher que não tinha sensibilidade e nada conhecia da ternura — daquilo que enche as almas de encanto. O seu caso era o oposto de tudo, um caso de exacerbação de sentidos, aliado a um desmedido interesse de viver feliz na vida que ela começara de forma tão estranha.

Deixei homens conhecerem já! O que a ser o futuro? Talvez preocupação. Mas não a amedrontava.  
Como conjurar a situação? O Reinado não lhe interessava e a esse nunca se entregara. E o Júlio? Talvez fôsse solução. Não sabia da sua vida. Julgava-a pura como os anjos. Afazera-o quando o seu orgulho de virgem o podia fazer. Tinha ainda os mesmos sentimentos. Ele odiava-a. A sua paixão deserta não morrera. Sabera fasciná-lo... Seria, pois, o Júlio o homem que havia de lhe encher a alma e os sentidos.

Foi-lhe fácil a empreza. Aquele amor, que o fizera um escravo das suas caprichos e das suas vontades, era ainda o mesmo. Andava como fogueira alta e ela saberia apugná-lo. E foi para ele. Lamentou a sua derrota. Disse-lhe da sua desorientação na vida. Que, realmente, a força das circunstâncias a tinha empurrado para o que ela não queria a todo o tempo. Desviara-se. Deixara-se ir numa fácil sedução que era agora o seu martírio de alma, talvez o remorso, talvez a sua exploração. Não o fizera por mal, pois em tanto tinha aquele amor — o único — que sentia encher-lhe o coração.

Ali estava para o que elle quizesse. Para tudo... O destino funde, às vezes, as almas que um dia se dispersaram. Chegara a sua grande hora. Amava-o com toda a sua loucura de amar... e seria d'elle, quando elle quizesse...

Nem um passo só Júlio ignorava da vida de Madalena. Tinha-a toda, ali, escrita num diário, fechado no seu cofre.

Este encontro encheu-o de mágoa. E não lhe queria a verdade do seu sentir.

Madalena infundia-lhe dó! Um profundissimo dó! Mas elle que a amava, apesar-de tudo, não tinha o direito de humilhar e de lhe dizer na cara toda a sua perdição. Antes quis ser para ella o amigo de sempre. Aconselhou-a. Fêz quando pôde para esconder a dor que o avassalava.

— Já me não amas? — perguntava-lhe numa excitação desconforme.

— Com o mesmo amor, Madalena!

— respondeu-lhe serenamente.

— Mas não me queres?

— Tanto quanto se pode querer á vida...

— Não vejo.

— Um dia verás, minha querida, um dia verás...

Madalena ferrou mais a nota... Procurava ler no fundo daquela alma boa que a seu vez, escondia qualquer coisa. Foi ás últimas.

— Pois se não me queres agora nunca mais te darei o direito de pensar em mim! Recusa diante da maior prova de amor que uma mulher pode dar ao homem que ama... Não venho oferecer-me, venho dar-me toda! Quebo, assim, orgulho e dignidade e desprezo preconceitos, sacrifico a virtude que tenho conservado intacta para que tu e só tupires o seu perfume e me leves contigo...

Júlio sorriu para disfarçar a amargura que lhe encheu o coração. Dominava-se, controlava-se... Até que, com fúria sereníssima, contrapôs:

— A tua hercoidade oponho esta covardia que vês... Quando o meu coração andou na conquista do teu e pedias por ti, pelos teus encantos, pelo teu amor, só mentira e dissimulação encontrei nas tuas atitudes... Quando quis a tua alma, pensaste que desejava o teu corpo... Quando sonhei com a tua beleza, achaste-me indigno dela, agora...

— Agora, o quê?

— Agora, Madalena, não te mereço! Sinto que não te mereço. E depois

para que vens sacrificá-me sentimentos que tu...

Aqui toda a verdade da situação offiada á garganta de Júlio e quasi lá-dizê-la, mas voltou a dominar-se, para rematar:

— que tu terás enlejo de ver apreciados por quem valha no teu coração mais do que eu!

— E não me dá uma esperança? — perguntou-lhe, num crescendo de nervosismo, tomando-lhe os ombros, de olhos nos olhos.

— Tanta como aquella que me deste quando tinhas dezito annos... — respondeu-lhe Júlio com firmeza.

— Se não me decidiras por ninguém. Se o amor para mim era um sentimento desconhecido... Se eu não sentia nada, como queres que atentasse á tua esperança?

Júlio soltava o arremetido por não querer dizer aquella mulher, que tanto amava, afinal, tudo o que lhe enchia a alma. Vagar que subia no seu peito e o sulcava e punha na dopura dos seus olhos a sua tristeza de circo a consumir-se.

Não sabia se havia de ter dó se repulsa por esta criaturinha de Deus que só mentia. Mentia sempre!

Até que ella resolveu sair, deixá-lo só.

— Peço-te, Júlio, que não digas a ninguém, o que se passou nesta hora triste da nossa vida.

— Saberei calar. Fica tranqüillo. Eu sei de muitos segredos que talvez venham a morrer comigo.

— Quanto te agradeço... quanto te agradeço... — disse-lhe, reprimindo um soluço.

Madalena aproximou-se de Júlio, procurou as suas mãos, apertou-as nas dela. Puxou-o e um grande beijo uniu aquellos boccos!

— Adeus!

E Madalena fugiu-lhe dos braços. Correu a chamá-la, mas o carro que levava ia já longe.

— Madalena!

E afundou-se, a chorar, no «maple» do seu escritório.

Era ainda o mesmo amor!

Passou-se tempo. Quasi vinte annos decorridos. Júlio tinha sempre noticias d'ella. Não o visitava. Sabia Madalena escolher-a para solução duma vida, cuja linha quebrara desde a hora em que se deixou seduzir. Quando se encontraram, não foi o amor a impelli-la. Foi o interesse duma situação que lhe seria agradável e ella saberia brincar com elle, como as crianças brincam com os fantoches. Júlio sentia que assim havia de ser e recusou como um herói aquele amor fennitido, aquella inocência turvada, aquella virtude falsa.

Fêz bem? Fêz mal?

Porque é que vinte annos não chegam para erguer um grande amor?

Alma mergulhada em perdição, guardava o sempre para fazer d'elle o ultimo reduto duma vida dissoluta.

Até que. Até que Madalena, que foi descendo sempre, embora mantivesse aquella «pauzeta» de virtude, de que tanto se aproveitava, veio a saber que Júlio conhecia toda a sua história. Desde a mentira do casamento até ás inúmeras transpignências do seu corpo com elle e com aquêlla. Sabia dos seus amores. Conhecia-os.

Foi então que ella perdeu a esperança de iludir o homem que a vira desabrochar em graça e beleza e lhe dissera do seu amor, quando a seus quinze annos era uma rosa em botão.

E Júlio tinha dó dessa rapariga que se deixara levar pelo seu instinto e fizera da virtude moeda de ouro, para fazer valer a sua beleza!

Passaram vinte annos! Madalena é hoje uma mulher qualquer. Júlio vive na recordação d'este amor — do amor que desperdiçou com quem nunca compreendeu que amar é ter na alma a luz da vida.





MARINHEIROS FRANCESES das "forças livres", que constituem a equipagem dum submarino ao serviço da Armada britânica, festejam a sua chegada a um porto inglês, o êxito da sua viagem, tanto mais que, impossibilitados, a certa altura, de submergir, tiveram de se manter à superfície, sustentando combates a tiro de canhão com um comboio inimigo, que dispersaram.